

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Resquícios remanescentes em processos de transmissão; um caminho de Caminhos (1998/2017)

Ma. Luiza Banov - ECA/USP
Profa. Dra. Sayonara Pereira - ECA/USP

Resumo: É possível afirmar que a dança transita corporalmente pela história. As grafias do movimento se deslocam no tempo e espaço de corpo a corpo, e neste sentido arquivos testemunhos e principalmente a oralidade corporal são elementos fundamentais para sua existência. O presente texto refere-se a um recorte, da pesquisa de Doutorado em andamento no PPGAC-ECA-USP denominada "*Grafias da dança em deslocamento: memória transmissão e experiência*" orientada pela Profa. Dra. Sayonara Pereira. Assim elaboramos reflexões relativas ao processo de transmissão da obra cênica Caminhos (1998), que foi criada e dançada pela coreógrafa Sayonara Pereira (1960), transmitida à bailarina e doutoranda Luiza Banov (1985) no ano de 2017.

Palavras Chave: Transmissão; Memória; Dança em deslocamento.

Notas da experiência

Em meados de novembro de 2016 recebo uma ligação pela noite. Era a Sayô... ela queria fazer um convite... Na verdade era um convite muito especial, profundo e singelo ao mesmo tempo.
..poderíamos remontar ***Caminhos?***
O momento havia chegado!
(Diário de pesquisa, 2017)

Dos acasos dos acontecimentos, nada eu conhecia daquela professora que nos daria a disciplina Tópicos Especiais no segundo ano de minha graduação na UNICAMP, em 2004. Havia apenas ouvido seu nome... Sayonara. Nome diferente, não estava esperando nada, apesar na origem nipônica de seu nome, revelo que o mesmo não me deu nenhuma pista.

Assim, treze anos se passaram desde nosso primeiro encontro, e ao longo destes anos muitos momentos se tornam memórias. Este encontro permitiu-me aprofundar a compreensão da dança moderna a qual até aquele momento não

havia tido contato direto. A professora em questão havia passado 19 anos de sua vida no berço da dança moderna alemã, em Essen, Alemanha. Esses dezenove anos eram meus exatos anos de vida, e, portanto, foi uma grande oportunidade para minha formação, em dança, estar próxima de uma artista a qual muito tinha/tem para compartilhar.

Em sua dança havia uma simplicidade complexa, algo que eu jamais havia visto. Era uma bailarina de 40 anos o que era quase inimaginável para os padrões interioranos de minha formação em dança. Aquele tempo de vida me tocou profundamente. Que belo ver memórias dançantes no corpo de uma mulher.

Cada gesto era carregado de espaços, encontros, desencontros, ilusões, alegrias, medos, vida. Sim, a cada gesto tudo isso, ou nada disso podia vir à tona; seus gestos se constituíam destas memórias... memórias estas que somente aquele corpo havia conhecido.

O espectador de fato não podia ter acesso àquelas memórias, mesmo que por algum motivo soubesse algo da vida daquela que dançava, jamais teria “experimentado” aquela vida, e jamais experimentará.

Cada vida é unicamente de quem a possui, e esta unicidade é que torna tão belo o corpo de quem dança, com gestos carregados de sentidos únicos. Poderia eu dançar assim? Seria possível carregar-me de vida para preencher a dança de sentido? O meu encontro com aquela dança reverbera até os dias de hoje em minha trajetória como artista e pesquisadora, seria isto tradução, transmissão, traição, tradição?

Notas sobre Caminhos

A obra **Caminhos (1998-2017)** concebida e dançada originalmente pela artista Sayonara Pereira, em Essen, Alemanha, onde a autora viveu entre 1985 e 2004, nos apresenta um horizonte reflexivo em torno dos processos de deslocamentos e criação da dança no tempo/espaço de nossa sociedade.

Enfatizamos ainda o fato desta obra ter sido criada por uma artista brasileira na Europa.

Tradicionalmente, a Alemanha é o país responsável pelo movimento do *Tanztheater* [1] que foi derivado das buscas modernas pelos artistas da dança que por lá viviam. Evidentemente a obra **Caminhos** carrega consigo heranças deste período, e a possibilidade de trazê-la à cena novamente em 2017 oportunizou atualiza-la, bem como apresentar resquícios remanescentes do *Tanztheater* para o tempo atual.

A peça, solo, retrata as memórias de uma mulher que vive sua terceira década, guiada por imagens, vozes e ritmos provenientes de diferentes culturas, incluindo os de sua terra natal, o Brasil. Especialmente a trilha sonora traz composições ou interpretações simbólicas de Elis Regina Villa Lobos e Marlos Nobre.

A composição das cenas passa por diferentes estações, atmosferas, culturas. Hora a intérprete está em lugares que parecem mais ritualizados, hora em lugares mais reconhecíveis. O figurino se transforma em cenário, e a iluminação procura dialogar com as movimentações da intérprete. Todos estes elementos juntos tecem a construção de uma dramaturgia corporal para a peça.

A obra coreográfica carrega consigo seus próprios acentos, erros de linguagens, gírias e sotaque, próprios de sua composição. Revisitar estes espaços requer praticamente uma “regressão”, uma mudança de planos que permitem ao artista e ao espectador criar, recriar mundos próprios, sistemas e texturas inerentes a determinados trabalhos. A atmosfera de cada criação seria assim a verdadeira essência de um trabalho, o que o torna genuíno e não simplesmente uma reprodução de movimentos coreografados.

---

1 *Tanztheater* - Em língua alemã a palavra é constituída por duas outras: dança e teatro, contudo, não significa necessariamente uma história dramática contada pelo movimento, com enredo, começo, meio e fim, e sim o surgimento de um novo estilo e forma de dançar, no qual seus precursores foram além das formas clássicas da dança, buscando movimentos no cotidiano das pessoas e transformando-os em poesia. O movimento nasceu nos anos 1930 e seu criador foi Kurt Jooss (1901-1979).

Foi a possibilidade de revisitar o passado e (re)significá-lo também, que instigou a reconstrução. Além do mais, corpos diferentes podem dialogar com o material da obra de maneira própria o que faz deste processo de passagem não a reconstrução de um “original”, ou então citação da obra, mas um dinâmico e tênue diálogo entre passado, presente e futuro. O diálogo ao qual nos referimos pode ser também encontrado entre espectador e artista, criador e interprete entre tantos outros que poderíamos discutir.

Conhecimentos esquecidos fazem do corpo sua morada, assim, para que o outro possa te ver em uma mesma perspectiva é necessário que as partes estejam presente no mesmo espaço/tempo.

Consideramos, ao nos debruçarmos no processo de **Caminhos**, apresentado no presente texto, de forma consciente e teórica, que sua construção teve início no ano de 2004, quando foi inaugurada a parceria de trabalho e afetiva das pesquisadoras Sayonara Pereira e Luiza Banov, e somente pelo trajeto percorrido tornou-se possível chegar a esta resultante. O processo de transmissão da obra, entretanto, foi realizado entre o período de janeiro e setembro de 2017, e aconteceu em dias espaçados de acordo com as agendas possíveis. Em média, os encontros aconteceram a cada quinze dias e tiveram três horas de duração. Na sala de ensaio o vídeo foi, inicialmente, norteador para a reconstrução das células coreográficas e a partir do encontro dos passos e o tempo dos gestos a artista criadora foi revisitando os lugares de sua criação, reestabelecendo suas conexões íntimas com o gesto o que possibilitou referências poéticas para a nova interprete se apropriar das cenas.

As sequencias coreográficas foram minuciosamente mantidas a partir do estudo das dinâmicas específicas de cada proposta, ainda assim, durante os ensaios, novas possibilidades surgiram, outras foram atualizadas.

Ao longo dos ensaios a autora/coreógrafa, somava aos elementos de sua memória, os arquivos de suas anotações do caderno de campo criativo, e do vídeo, de forma que eu, enquanto nova interprete, me sentisse muito a vontade para dialogar com o material. Além disso, não havia uma exigência inicial de

precisão/perfeição, e sim com abertura para que o trabalho pudesse decantar no novo corpo, espaço e tempo. É revelador o quanto cada ensaio e encontro com as grafias desta peça possibilitaram me conectar e compreender seus caminhos.

A musicalidade e precisão dos gestos são marcantes durante todos os quarenta minutos de atuação, é necessário estar com o ouvido "ligado", com os poros abertos e com o corpo afinado, para que não se perca o gesto, a intensão, o coração da obra. A todo momento, como interprete, era levada a dialogar com os espaços propostos e criados pela autora. **Caminhos** é uma obra viva, é como uma conversa na qual a escuta e a fala são igualmente necessárias.

Compreendemos, portanto, a proposta prática desta ação como uma transmissão de conhecimento, um rito de passagem, como se o novo interprete fosse autorizado a apropriar-se daquela história a ser contada, da oralidade, do entendimento de uma história corporal, permitindo a atualização do passado para novos encontros, e quem sabe assim passar adiante suas impressões.

Consideramos que a encenação e re-montagem permitiram uma atualização de Caminhos 1998/2017, aglutinando à obra um novo significado, um novo olhar, assim como nos aponta Camargo, ao dizer que "...o repertório, ao ser reencenado, passa sempre por uma atualização, decorrente do processo de corporificação..." (CAMARGO, 2013, 55).

Referências

CAMARGO, Andréia. *A não história da dança ou a historiografia dos restos.* In: Coleção corpo e cena. (org. Lenira Rengel e Karin Thrall). Vol.5. Guararema, SP: Anadarco, 2013.

LUNAY, Isabelle. *A elaboração da memória na dança contemporânea e a arte da citação.* Bienal SESC de Dança, 2009.